

# XI Encontro Internacional dos Fóruns VII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

09-12 JULIO | 2020

Paseo La Plaza - CABA  
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires  
Argentina

## Mapas anatômicos e genéticos não localizam o gozo no corpo

Ana Laura Prates

No Seminário *Encore*, dedicado à problemática do gozo, Lacan inverte o ditado popular “o hábito faz o monge”, apontando para o papel das aparências na diferença sexual. Trata-se de uma passagem extremamente complexa, na qual ele comenta o fato de que a sexualidade humana é desnaturalizada pelo traço. O traço apaga os rastros das células sexuais, deixando apenas restos, nos quais nos apegamos para forjar, através dos chamados caracteres sexuais secundários, algumas coordenadas que indiquem a localização corporal, e que deem sentido para a diferença sexual, a qual, no entanto, será sempre da ordem do semelhante.

Ora, foi a entrada do corpo no discurso da ciência que criou os primeiros mapas anatômicos, os quais classificaram as partes dos corpos a partir de seus próprios critérios citológicos e funcionais, posteriormente respaldados pelo desenvolvimento da genética. No caso do corpo da mulher, por exemplo, o clitóris foi uma das grandes “descobertas” da anatomia, tentando localizar e limitar seu gozo. Foi preciso que esse próprio discurso engendrasse sua subversão através da escuta que Freud ofereceu às históricas que, através de seus sintomas e conversões, contrariam a anatomia, criando seus próprios mapas paradoxais de paralisia e dor. O corpo da histórica não é o corpo anatômico e, tampouco, o corpo gozante o é, como a psicanálise verifica em sua experiência cotidiana.

As fórmulas da sexuação permitem formalizar o campo aberto do gozo no corpo, que resiste a ser apreendido pelos mapas anatômicos, porque transborda o corpo recortado pelo simbólico, localizando-se no furo entre o imaginário e o real. Ainda assim, é comum encontrarmos afirmações que confundem o chamado “real do sexo” com a anatomia. Diz-se que o real do sexo na natureza são dois, entre os seres que não habitam a linguagem como nós, seres falantes. Será? Suporíamos, então, que A Ciência (com maiúscula, como se ela fosse unitária e convergente) possui o saber sobre o real do sexo? Como fruto do Discurso Universitário, os mapas anatômicos referem-se mais ao que Lacan chamou de corpo simbólico (o *corps*, ou cadáver) do que ao corpo real. Poderíamos levantar a hipótese de que a suposição do dois do sexo é mais bem uma construção do imaginário, com forte prevalência do olhar, como já afirmava Freud,

que tende a “fechar” – a partir de uma variedade enorme de elementos dispersos – uma *Gestalt* que divide dois sexos, tendo o falo como parâmetro da diferença.

Quanto a esse aspecto, podemos aprender com a escuta dos chamados intersexos, sujeitos que não se encaixam – seja por variantes genéticas, hormonais ou fenotípicas – ao suposto binário macho e fêmea. No site *The Debrief*, encontramos o seguinte depoimento da militante intersexo Susannah Temko:

Ser intersexo é uma variação natural. Sexo não é algo binário, é um espectro. Assim como o gênero e a sexualidade, o próprio sexo é um espectro. Não está entendendo nada? Ser intersexo é uma variação natural. Não é ‘anormal’. Não é um ‘defeito’. Assim como qualquer outra coisa, a variação é algo belo e é uma grande parte de se estar vivo.

A fala de Susannah baseia-se nas pesquisas genéticas mais recentes que têm revelado que o famoso binário XX/XY, com suas respectivas consequências fenotípicas, é um mito. No artigo *Sex redefined*, publicado na revista *Nature* (2015), Claire Ainsworth apresenta essas novas descobertas, e questiona: “Então, se a lei requer que uma pessoa seja macho ou fêmea, o sexo deveria ser considerado pela anatomia, pelos hormônios, pelas células ou pelos cromossomos? E o que deve ser feito se eles colidem?”. Esse é o novo mapa da ciência mais *up to date*, a nova classificação do chamado “espectro sexual”:

	<b>Cromossomos</b>	<b>Gônadas</b>	<b>Genitálias</b>	<b>Outras características/Exemplos</b>
<b>Típico macho</b>	XY	Testículos	Genitálias externa e interna masculinas	Características sexuais masculinas secundárias.
<b>Variações sutis</b>	XY	Testículos	Genitálias externa e interna masculinas	Diferenças sutis como menor produção de espermatozoides. Algumas delas são causadas por defeitos nos genes de desenvolvimento sexual.
<b>Variações moderadas</b>	XY	Testículos	Genitália externa masculina com variações anatômicas	Afeta 1 a cada 250-400 nascimentos.
<b>46, XY e DSD</b>	XY	Testículos	Geralmente, ambíguas	O distúrbio hormonal da síndrome de persistência do ducto Mulleriano (PMDS) resulta em genitália masculina externa e testículos, mas também em útero e trompas de Falópio.
<b>DSD Ovotesticular</b>	XX, XY ou mistura de ambos	Tecidos ovariano e testicular simultaneamente	Ambíguas	Raros relatórios de pessoas predominantemente XY que conseguiram ter uma criança.
<b>46, XX e DSD testicular</b>	XX	Pequenos testículos	Genitália externa masculina	Usualmente, causada pela presença do gene determinante da masculinização SRY.
<b>Variações moderadas</b>	XX	Ovários	Genitálias externa e interna femininas	Variações no desenvolvimento sexual tais quais o encerramento prematuro da atividade ovariana. Alguns são causados por variações nos genes do desenvolvimento sexual.
<b>Variações sutis</b>	XX	Ovários	Genitálias externa e interna femininas	Diferenças sutis tal como excesso de hormônios masculinos ou ovários policísticos.
<b>Típica fêmea</b>	XX	Ovários	Genitálias externa e interna femininas	Características sexuais secundárias femininas.

O que a escuta dos sujeitos transexuais e intersexo, que fazem ou não tratamentos hormonais ou cirurgias de transgenitalização e redesignação de sexo, pode ensinar ao psicanalista sobre as relações entre

os mapas anatômicos e os mapas de gozo? Muitas vezes, esses sujeitos estão classificados em um diagnóstico médico estranho à psicanálise. Tomando, por exemplo, a definição médica de “transtorno de identidade”, implicando uma não conformidade entre sexo e gênero, verifica-se uma aliança notável entre duas orientações tradicionalmente rivais: uma que considera o sexo como um dado biológico que condiciona certos comportamentos normais, e outra que considera o sexo uma construção social, ou gênero. A série de inversões, paradoxos e contradições que essa inusitada aliança nos coloca é excepcional, e nos força a afinar o rigor da originalíssima noção de corpo e de gozo com a qual a psicanálise opera.

Qual seria, portanto, a necessidade de uma conformação anatômica para que um sujeito se sentisse identificado a uma determinada identidade sexual? O que é interessante nesse caso, justamente, é o fato de que a cirurgia de transgenitalização pode, em alguns casos, procurar refazer, pelas avessas, a antiga aliança entre o sexo e a anatomia. Numa incrível inversão da lógica freudiana, não se trataria mais de pensar nas consequências psíquicas da diferença anatômica, mas sim das consequências anatômicas da diferença psíquica. Por outro lado, o desejo de conformação anatômica não deixa de nos transmitir algo importante sobre o peso do imaginário genital na formação do semblante sexual humano, que não podemos deixar de escutar.

É claro que a única posição ética coerente com a psicanálise é aquela de tomar cada caso como singular. Mas é exatamente a consistência desta *Gestalt* que o corpo do sujeito intersexo interroga. A militância dos intersexo parece caminhar pela via da sustentação da diversidade, tanto anatômica quanto dos caracteres sexuais, e da ênfase na singularidade dos corpos. A complexidade e a multiplicidade que se revelou com a saída do armário não apenas do hábito – ou seja, das vestes que cada cultura ou sociedade define para cada gênero –, mas também dos corpos de sujeitos que em outras épocas ficavam segregados e confinados às margens da família burguesa tradicional, nos ajudam a enfatizar a importância da contribuição da psicanálise nesse debate, na medida em que o Discurso do Analista é orientado pela *heteridade*, ou seja, a sustentação do radicalmente outro e indeterminado, mais além do sexo anatômico, embora não sem relação com o semblante anatômico e seu valor social.

Há algo d'A Mulher que sempre escapa ao discurso, ao falo, à ciência, à classificação, ao bisturi, aos universais, e – de modo ainda mais radical – ao próprio nome. Assim, mais além das terminações nervosas, das cirurgias ou dos mapas anatômicos, o gozo no corpo encharca, por vezes, angustia, mas como diz o poeta brasileiro Chico Buarque, “não tem governo nem nunca terá”.

## Referências

AINSWORTH, C. Sex redefined. *Nature*, v. 518, n.7539, p. 288-291, 2015.

LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20*. Mais, ainda. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

PRATES, A. L. O corpo e os discursos: dominação e segregação nos laços encarnados. *A PESTE*, v.1, n.2, p. 225-244, 2009.